

Ano 4, Nº 05 – MAIO 2000
Assinatura até Dezembro, 2000: 7 selos de R\$ 0,27
Este número ou anteriores: 3 selos de R\$ 0,27

Deste profundo horror, de esplêndida memória, ouve, Senhor, o brado unânime e maldito que aos céus, vibrando, sobe! Ouve o sinistro grito que é toda a angústia humana e toda a humana glória!

Ouve o que diz a boca exangue e merencória, de amor gemendo! E o lábio ardente do preceito que em vão interrogou a sombra do infinito! E o que sorveu, calado, a lágrima ilusória!

Ouve, Deus de Sinai que tens o raio ao seu! Nós clamamos a ti pelos perdões supremos, pela suprema paz ao nosso eterno anseio!

E queremos saber por que nos torturamos! E clamamos a ti do Éden em que sofremos! E clamamos a ti do Inferno em que gozamos!

Eduardo Guimaraens (1892/1928), "De Profundis Clamavi"; em O Mais Belo País E o Teu Sonho, de Flávio Moreira da Costa, 1995

Agora que já fala e já caminha, como me encanta vê-la assim! E praza aos céus te veja sempre assim, filhinha, andando, alegremente, pela casa...

Invade sala, quartos e cozinha e mexe em tudo, pois não perde vaza. Talvez, não sei, seja tolice minha, mas quanta graça disso se extravasa!

Já sabe tudo, tudo entende, e quanto! O que se diz ou faz compreende e alcança e nos distingue até o passo e a voz.

Ah, só não sabe nem entende, entanto, na sua ingenuidade de criança, o quanto significa para nós.

Ziver Ritta, Minha Filha; em Fanal 536, 0004

Miseros versos meus, que lanço ao vento, da juventude em flor memórias fiéis, rimas de ira, de gáudio, e de lamento, amanhã, pobres rimas, que sereis?

Fugi, fugi do mundo, sempre atento a flagelar quem não o amou! – Tereis inculco, sim, mas não fingido acento, rimas, que o meu afeto enalteceis.

De certo a minha amada encontrareis, por quem ânsias mortais experimento, e vós, que o arcano deste amor sabeis,

vós, testemunhas de um finir tão lento, ah! quanto, quanto a amei – vós lhe direis, miseros versos meus, que lanço ao vento!

Olindo Guerrini, dito Lorenzo Stecchetti (1854/1916), Da "Póstuma", tradução Basílio de Magalhães (1874/1957); em Obras Primas da Poesia Universal, de Sérgio Millet.

Corri mundos, muito andei, mil castelos conheci. Mas onde me sinto rei é na casa onde nasci.

José Corrêa Francisco, em Estro 63, 99

Faminta e desprotegida, vagando em busca de nada, ganha o mundo e perde a vida a criança abandonada!

José Lucas de Barros, Calêndula 9911

Sussurra o acalanto e sonha... A mãe pobre, voz cansada, olha ao redor... vê, tristinha, um berço... o filho... e mais nada!

Terezinha Diegues Brisolla, em Anexo Clube Português, BI UBT São Paulo

A meu ver, mãezinha boa, mesmo não sendo verdade, tu és a quarta pessoa da Santíssima Trindade.

↑Aprygio Nogueira, em Trovaregre 9912

Lindas estrelas acesas quadro que prende e seduz... é Deus dizendo belezas num alfabeto de luz.

Fernando Vasconcelos

Meu Senhor, eu te agradeço pois vejo, em meus filhos são, uma fortuna sem preço que puseste em minhas mãos!

Marina Bruna, em

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔

O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre **"aqui e agora"** – **não conceitual**.

O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou **trevo haikai senryu (não filosófico)**,
trevo **haikai** subentendido (*aborda a natureza sem situar a estação*);
trevo **haikai sazonal, poesia pura** – (*o kigo, palavra da sazão, define-a*).

Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu
ou
trevo à ocidental:

Eu o enterrei, mas haverá alguma planta que flore em filho?

Uejima Onitsura, SF 9908

Novidade, uai!... – Caqui, também por aqui, tem sabor de haikai.

Fernando Soares

Trevo haikai senryu
ou
trevo **haikai** personagem:

Vai chegando em casa abraçado às ocorrências do seu dia a dia.

Masaoka Shiki, SF 9711 e SF 9908

Um caqui no céu!... A menina quer colher o sol da tardinha.

José N. Reis

Trevo haikai subentendido
ou
trevo **haikai** sem sazão:

Na água cristalina nadando pra lá e pra cá, uma tartaruga.

Masaoka Shiki

Tomates maduros. Meninos entristecidos: quem quer caquis!

Alda Corrêa Mendes Moreira

Trevo haikai sazonal:

Kigos: Luar e Caqui, ambos de outono.

Lua para oeste leva ao caminho de leste a sombra das flores.

Yosa Buson, SF 9908

Caquizeiro ostenta frutos tocados por Midas. Pássaros à espreita...

Leonilda Hilgenberg Justus

Que amor! Olhai-o: no chão se estende o colchão das flores de maio!

Abel Pereira, de Poesia Até Ontem, 1990

Noite. O cafezal desata as flores de prata ao luar de cal...

Cyro Armando Catta Preta, Rural; de Frestas, 1996

Havia toda a tristeza do mundo nos olhos dele. Olhar úmido de todas as lágrimas. Rosto cansado de todas as rugas.

No dia das mães, a majestade da orquídea para outra rainha.

Daryl A. de Oliveira Barros.

Trigo maduro vento-alfazema claro-escuro do entardecer nada ligado tudo isolado: o vôo o sino o peregrino nada destino apenas chave na ignição.

Mirtes dos Santos Silva Freitas, Enigma; em A Lua e a Pena, 96

Las piedras son tiempo. El viento siglos de viento. Los árboles son tiempo las gentes son piedras. El viento vuelve sobre si mismo y se enterra en el día de piedra. No hay agua pero brillan los ojos.

Octávio Paz (1914/1998), Pueblo; de Lo Mejor de Octávio Paz – El Fuego de Cada Día, 1989

Revelo ou não... tenho medo que me condenem depois pelo bonito segredo que ficou entre nós dois...

Antonio Bispo dos Santos, em Milênio 0002

Rebulição à tona. Uma ferida na água, pedrinha no fundo.

Humberto Del Maestro

Havia toda a nobreza na prata dos seus cabelos toda a pobreza no seu traje amortalhado pelo tempo. E eu vi um novo Cristo na piedade de um momento revelado.

A pena deixou de ser!... A ponta da esferográfica deslizo para escrever esta desordem seráfica.

Olga Amorim. "Manoel, Pena por Pena, Fico co'a Minha. 09.11.99"

Corro. No corre-corre cotidiano, no vaivém da vida busco e rebusco um sonho sumido, perdido, escoado nas mãos vazias.

Suely Eva dos Navegantes Braga, Mãos Vazias; em 2ª Antologia Poética Vagas Netto, 98

¿Por qué me miras tan serio, carretero? Tienes cuatro mulas tordas, un caballo delantero, un carro de ruedas verdes, y la carretera toda para ti, carretero. ¿Que más quieres?

Rafael Alberti (1902/...), Peñaranda de Duero

Pondo de lado os engodos desenrolando o sem-fim palavroso quedo mudo eu posso fugir de tudo eu posso fugir de todos não posso fugir de mim.

Antônio Monteiro, Cativoiro; em Revista 52 do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 99

Diante da máquina hesita a operária. Tece a fazenda ou o sonho?

Lyad Sebastião Guimarães de Almeida, de Haikais (Antologia), 1992

Descoberta na África. Surpresa! É também vermelho o sangue dos negros.

Lyad de Almeida, idem

Heloisa Helena Troncarelli, O Alejado; de Sol-Solaris, 1985

Timida, meio sem jeito, uma saudade enxada entrou aqui no meu peito... e hoje manda em minha vida!...

Maria Madalena Ferreira, em XXIX Jogos Florais de Niterói, 99

O meu palácio encantado onde o ano todo é Natal é um quadradinho alugado chamado Caixa Postal!

Nilton Manoel, em Koisalinda 9912

Quando ofendidas, as flores respondem apenas com o perdão do seu perfume.

Humberto Del Maestro, em Estro 63, 99

Enfrentando a dura liça, é tanto o homem imperfeito que confunde o que é justiça com o que acha que é direito.

Carlos de Barros Laraia, em Trovaregre 0004

E então divino! Ah! No Juízo Final, quem será julgado?

Lyad de Almeida, idem

O mistério mais profundo, que mais encanta e seduz, é aquele instante do mundo, em que uma mãe dá a luz!

Deley Canalles, em Clêndula Literária 256, 9910

- Defenderás os direitos humanos, em especial os dos mais pobres e dos mais fracos.
 - Lutarás pelo interesse público: pela liberdade e a igualdade, pela paz e a solidariedade e pelo desenvolvimento econômico.
 - Defendrás teu país, protegerás tua família e reconhecerás teus mestres.
 - Não invocarás o interesse público para justificar teu interesse pessoal, ou do teu grupo, ou da tua classe social.
 - Não te apropriarás do patrimônio público nem diretamente nem por meio de benefícios injustificados que recebas.
 - Não te acovardarás diante dos poderosos nem diante da incerteza.
 - Não serás arrogante nem vaidoso, mas humilde na busca da verdade e do acordo entre as partes.
 - Debaterás idéias e valores, em vez de ignorar ou desqualificar os adversários.
 - Cooperarás e competirás com os teus semelhantes, ao invés de invejá-los.
 - Dividirás teu tempo entre a vida pública e a privada, entre o trabalho e o descanso, entre o cuidado com tua própria saúde e cultura e a necessidade de sustentar-te a ti próprio e a tua família, sempre buscando, com a alegria possível, uma vida melhor.
- Luiz Carlos Bresser Pereira, em Mais! Folha de São Paulo, 991226

- Não blasfemarás diante de um computador, só porque não consegues uma rápida conexão com a Internet.
 - Não te surpreenderás com as notícias de escândalos, mas, ao contrario, farás a ti mesmo a resignada pergunta: o que mais está por vir?
 - Não duvidarás da rapidez do capital internacional.
 - Não cobiçarás a vaga do próximo em um estacionamento lotado.
 - Continuarás fiel a teus ídolos na música popular, não importando que novas figuras a mídia apregoe como sensação.
 - Resistirás ao apelo das calorias como quem resiste à sedução de Satanás.
 - Apesar de tudo, acreditarás no poder do voto, ao menos como método de tentativa e erro ou de aproximações sucessivas à verdade.
 - Continuarás honrando teu pai e tua mãe, ainda que tenhas de recorrer à engenharia genética para melhorar a tua performance.
 - Não levantarás falso testemunho, principalmente se estiveres depondo numa CPI.
 - Apesar de todo o avanço tecnológico, continuarás respeitando o texto escrito. Afinal, Deus optou por escrever os Dez Mandamentos, e não divulgá-los por uma cadeia de rádio e TV.
- Moacyr Scliar, em Mais! Folha de São Paulo, 991226

- Não traficarás com órgãos humanos.
 - Não mandarás traçar o mapa astral de teu cachorro.
 - Não comerás de pé.
 - Não farás jogging no acostamento.
 - Não pensarás com outro órgão senão teu cérebro.
 - Não urinarás na água da banheira.
 - Não telefonarás sentado no vaso sanitário.
 - Serás simpático com os extraterrestres.
 - Não farás sexo no elevador.
 - Não vestirás a calça pelo avesso.
- Robert Kurz (tradução José Marcos Macedo) em Mais! Folha de São Paulo, 991226

Tarde ensolarada. À sombra fresca das árvores o gado descansa.

Miguel J. Maltý

- Amarás a ti próprio sobre todas as coisas.
 - Amarás o sucesso como a ti mesmo.
 - Acreditarás em tudo e não acreditarás em nada.
 - Não fumarás.
 - Não engordarás.
 - Não amarás.
 - Cobiçarás.
 - Terás medo.
 - Terás tédio.
 - Viveras entre aparências.
- Octávio Frias Filho, em Mais!, 991226

Um galo madruga; outro, mais outro, mil galos. Itatiaia acordá!

Manoel Fernandes Menendez

Escolha a pessoa certa para entregar-se, querida. – Mãe, quando a fome aperta, não dá pra escolher comida!...

José Tavares de Lima, em Calêndula Literária 9912

KIDAI S DE OUTONO

Núm vôo veloz a estrela cadente foge... desejo adiado.	A arara pousou, depois outra e mais e mais. Árvore florida.	Quieta, no poleiro, natureza colorida: arara francesa.
Alba Christina	Fernando Vasconcelos	Lávia Lacerda Menendez
Sobre um esquizeiro, a festa dos passarinhos. Caquis sazoados.	Ao lado da gaiola aguar- da, armado, o alçação os pés do pássaro.	Na missa budista beijando os lindos crisântemos fumaça do incenso...
Analice Feitoza de Lima	Guim Ga	Luís Koshitiro Tokutake
Hortalças frescas, perspicazes gafanhotos fazem refeição.	Na mesa o caqui. O fruto bem vermelho o doce do mel.	No alto das árvores, frutas rodeadas de flores. Araras comendo!
Anita Thomaz Folmann	Haroldo R. Castro	Marcelino R. de Pontes
De galho em galho aquarela de tucano no alvo das pedras.	Na linha do meu anzol, uma libélula vagabunda. Xô lava-bunda.	Caquis madurinhos... en- tram vespas, se alimentam pelos buraquinhos.
Carlos Roque B. de Jesus	Helvécio Durso	Maurício F. Leonardo
No cristal da jarra crisântemos coloridos enfeitam a sala.	No espaço, relâmpagos. Lembra o céu neste mo- mento festejos de junho.	Sem casa, cheirosa, a mexerica do pé enrola-se na língua.
Cecy Tupinambá Ullho	Humberto Del Maestro	Nilton Manoel
Pousando, um pardal. Busca a formiga, o refú- gio. Folha amarelada.	Ao sopro do vento tomba a folha amarelada e cai no regato.	Na choupana, a festa: quitutes, sanfona, dança... Dia do Trabalho!
Debora Novaes de Castro	João Batista Serra	Olíria Alvarenga
Um buquê de flor no funeral da saudade no Dia das Mães...	Urgente! Minha sorte mal pendurada na ponta da estrela cadente!	Vistosos crisântemo, subarabusto ornamental, atraindo olhares...
Derev de Freitas	João Elias dos Santos	Santos Teodósio
Um peixe, o dourado, grelhado sobre carvão. Avivo o brasero!	Despenca uma tocha. Incompreensíveis vaga-lumes... Estrela cadente!	Bem no alto do pé mexerica grande assanha a gula do menino.
Edel Costa	José Messias Braz	Sergio de Jesus Luizato
Sinal colorido diz: - "Parada obrigatória!" - Arara no alpendre...	No ar se transformando em raios de luz solar, saltam os dourados.	No olho da fruteira o olho gordo do guri - laranja-de-umbigo.
Erey M. M. de Faria	José N. Reis	Teruko Oda
Vem safra perfeita, fartura... e a Festa da Uva encerra a colheita.	Vermelho mais puro caqui maduro no pé guri quer ganhar.	O velho imigrante contemplando, no jardim o gafanhoto verde.
Fernando Soares	José Roberto de Oliveira	Yara Shimada Brotto



SELEÇÕES MENS AIS
FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Remeter até 30.05.00:

Kigos à escolha: Dia da Saúde, Romã, Sardinha.

Remeter até 30.06.00:

Kigos à escolha: Árvore-do-viajante, Dia da Enfermeira, Orvalho.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo – palavra da sazão (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidaí, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como *assunto principal* o kigo. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai contém ainda sútil sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo pois, repeti-los; cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lava.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Céu e mar ligados num abraço colorido... Arco-iris na praia.	Na folha do antúrio brinca de escorregador o inseto-criança...	Muitas flores brancas dançam nas ondas do mar Festa de Iemanjá.
Yedda R. Maia Patrício	Darly O. Barros	Nadyr Leme Ganzert
Flores sobre as ondas, velas acesas na praia, Festa de Iemanjá.	Luz do entardecer Um arco-iris se debruça, sobre a cachoeira.	No humilde barraco, vaso com antúrio vermelho alegra o ambiente.
Olga Amorim	Maria R. Labruciano	Olga dos Santos Bussade
No jardim de inverno, o antúrio exibe a beleza da flor sem perfume!	Pescador devoto enfeitá a velha jangada... - Festa de Iemanjá!	Coração sangrando escon- dido entre as folhagens antúrio vermelho.
Hermoclydes S. Franco	Maria Madalena Ferreira	Héron Patrício
Passa o temporal... - E um lindo arco-iris abraça a terra assustada...	Crianças correndo: um tesouro de ilusões no final do arco-iris.	Flutua ao luar rosa branca entre espumas. Festa de Iemanjá.
Maria Madalena Ferreira	Renata Paccola	Larissa Lacerda Menendez
Com seus lindos cálices, os antúrios, com realça, sorvem a garoa...	e a curva longa mergulha num lago translúcido...	numas bolhas de sabão. Multiplicação.
Amália M. G. Bornheim	Darly O. Barros	Yedda Ramos Maia Patrício
Antúrios vermelhos atrás de grande vidraça. Beija-flor no chão.	Um vaso de antúrios resgatando a primavera pra dentro de casa.	Grinalda de luz esculpida pelo sol no céu, um arco-iris.
Leonilda H. Justus	Yedda R. Maia Patrício	Elen de Novais Felix
Ofertas, pedidos... Flores dançam sobre as águas... Festa de Iemanjá!!!	Rubros ornamentos em forma de coração antúrios, na sala.	Escola de sítio no caminho um arco-iris atrasos para aula.
Amália M. G. Bornheim	Elen de Novais Felix	Nadyr Leme Ganzert
Com seus lindos cálices, enfiteados para a missa antúrios variados.	Festival de cores: depois de uma tempestade, reluz arco-iris.	Miçangas na areia, flores, vidros de perfume: Festa de Iemanjá.
Nadyr Leme Ganzert	Renata Paccola	Héron Patrício
Regando o jardim, do jato do esguicho brota arco-iris fantasma.	O sol, com seus dedos, fez um arco na brançura. Arco-iris à vista.	Perfeito arco-iris Choveu... Briha o sol. Um arco-iris no céu: natureza em cores.
Patricia Maia Patrício	Roberto Resende Vilela	Djalda Winter Santos
Os vasos no altar um vibrante colorido: antúrio vermelho.	O sol, sobre as nuvens acinzentadas de chuva, desvenda o arco-iris!...	Finda a tempestade. Entra o sol na gota de água formando arco-iris.
Djalda Winter Santos	Hermoclydes S. Franco	Olga dos Santos Bussade

NOTÍCIA BREVE DO HAIKAI

Afonso Miranda, em Letras Itacarcenses 0003

Forma de poesia típica do Japão, tem sido o haikai, desde o seu aparecimento, tão cultivado no país das cerejeiras, que há notícia da criação, no reinado de Meiji (de quem se diz ter produzido, em sua longa vida, mais de 100.000 poemas), de um Ministério de Poesia (!).

O haikai teve origem na primitiva waka, de 5, 7, 5, 7, 7, 5, sílabas. Tornou-se hábito, com o correr do tempo, fazerem, dois poetas, wakas de parceria: um fazia os três primeiros versos, de 5, 7, 5, sílabas, e o outro fazia os dois últimos. Com o abandono das linhas poéticas finais, surgiu o haikai, expressão máxima do delicadíssimo senso poético nipônico, do qual o lírico Ioriquito nos dá um exemplo:

Pensei que nevava
lírios. Minha branca amada
vinha aparecendo.

O haikai clássico obedecia a certos cânones: ausência de rima; ausência de título; o poeta fora do poema; menção, ainda que vaga, da estação do ano, ou, mais propriamente, de qual o aspecto

da natureza naquela época. Esta última característica – bem compreensível em se tratando de um povo altamente contemplativo e apegado a natureza, como o japonês – é muitas vezes difícil de ser percebida como por exemplo, neste haikai de Basho:

Quimono secando
ao sol. Oh! aquela mangueira
da criança morta.

Em casos como este, é necessário – para se conseguir notar a referência à estação do ano – conhecer-se um pouco da vida na terra dos samurais; é no outono que preparando-se para passar o inverno, os japoneses descossem os seu quimonos, lavam-nos e põe-nos, para secar, ao sol.

Espalhando-se para o mundo, sofreu o haikai o embate de várias campanhas de “nacionalização”, perdendo as suas características clássicas. O baiano Gil Nunesmaia nos apresenta por exemplo este, sem referência a natureza:

Machucou a carta
devolvendo a compressão
que ela fez n’alma.

Entre nós, o paladino da “nacionalização” do haikai foi Guilherme de Almeida, que lançou o haikai com título e rima:

HISTÓRIAS DE ALGUMAS VIDAS
Noite. Um silvo no ar.
Ninguém na estação. E o trem
passa sem parar.

No próprio Japão o haikai sofreu modificações, com o passar do tempo. Iça, por exemplo, o popularíssimo Iça de poética acessível a todos, o feio, aleijado e sentido Iça, punha-se, constantemente, dentro do poema:

Vem para o meu lado,
vem brincar comigo, pobre
passarinho órfão...

O haikai não teve, em verdade, quando de suas incursões pela Europa e América, boa acolhida por parte dos ocidentais. O Ocidente estava por demais apegado aos elementos musicais na poesia. O haikai não joga com esses elementos. É poesia apenas poesia. Três breves linhas que sugerem uma imagem e deixam que cada leitor a receba de acordo com a sua sensibilidade. O haicasta não conta história,

não defende tese: transmite apenas a emoção que esta ou aquela cena lhe produziu. Evocação – eis o elemento essencial do haikai – diz Oldegard Vieira, acrescentando: “Por tudo isso Lewis Tsujimura escreveu que cada leitor de haikai precisa ser um poeta em potencial, isto é, deve estar de tal maneira predisposto para a poesia, que ao toque leve de três versos, logo desperte a musicalidade interior da sua alma”.

Manuel Bandeira cita, de Basho (considerado o maior dos haikaistas nipônicos), em tradução livre:

Aprofunda-se o outono.
Que estará fazendo
o vizinho?

– com um comentário de Kuni Matsuo: “É a solidão imensa do outono onde Basho se vê sozinho, a imaginar o que fará o vizinho, que talvez trabalhe. Ele e eu, neste mundo terreno, sentimos, bruscamente, a solidão imensa da grande natureza, por causa da chegada do outono... Ele e eu vivemos vidas diferentes, mas estamos no mesmo ambiente”.

Isso é o haikai. Poesia pura, sem efeitos predominantes de ritmo ou consonância. Não é poesia para os ouvidos: é poesia para a alma apenas. A contemplação de um por-de-sol, de uma cena de rua, de pássaros em vôo, despertando a estesia adormecida, despertando a piedade de Kikaku:

Na festa das flores,
acompanhado pela mãe,
um pobre ceguinho...

– ou a dramaticidade de Basho:

Na alcova desfeita,
onde não há mais ninguém,
uma flor caída...

Forma da poesia que se caracteriza pelo abandono de todo o supérfluo, à cata da essência poética, foi o haikai muito bem definido por Guilherme de Almeida:

O HAIKAI
Lava, escorre e agita
a areia. E enfim, na bateia
fica uma pepita.

Seleção Hermoclydes Siqueira Franco

O GRANDE MISTÉRIO DO DORMITÓRIO

Depois do terceiro assassinato de estudantes residentes no quarto andar do dormitório, em três meses, o Grande Detetive foi chamado para resolver o caso.

Em cada uma das mortes o corpo de um estudante fora encontrado de manhã esmagado e coberto por marcas de pneu.

– Os corredores são grandes o suficiente para permitir a entrada de um carro pequeno, mas os elevadores e as escadas não – disse, surpreso, o chefe da segurança do campus. – E como é que o carro foi parar no quarto andar?

– O senhor percebe – replicou o Grande Detetive – que os eventos trágicos coincidiram com a lua cheia? Creio que estamos

lidando com essa infeliz maldição da sociedade tecnológica moderna... o descendente do Lobisomem, o Auto-homem.

Na noite de lua cheia seguinte o Grande Detetive entrou em ação. Todos os estudantes que moravam no quarto andar foram trancados em quartos separados, juntamente com uma lata de cinco galões de gasolina ligada a um dispositivo eletrônico de alarme.

No meio da noite os instrumentos acusaram o desaparecimento de cinco galões de gasolina do quarto 440, que era ocupado por um jovem nipo-americano de nome Nagawa.

– Ele deve estar jogando a gasolina fora – disse o chefe da segurança.

– Ou bebendo! – disse o Grande Detetive, levando o chefe da segurança até o quarto 440. Ambos olharam pelo buraco da fechadura. Nagawa não estava mais lá, e em seu lugar havia um reluzente automóvel compacto.

Na manhã seguinte o Grande Detetive encontrou Nagawa.

– Quando faz lua cheia você se transforma num automóvel e atropela seus colegas do quarto andar.

– Mas como o senhor descobriu? – arquejou Nagawa.

– Alimentar, meu caro Toyota.*

S. N. Farber, em Ellery Queen – Mistério Magazine 4, 7702 (* originalmente Datsun)